

UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL CATARINENSE - UNESC

CURSO DE ARTES VISUAIS LICENCIATURA

DÉBORA MAGAGNIN DA SILVEIRA

**PRÁTICAS PEDAGÓGICAS NO ENSINO DA ARTE: POR ONDE ANDAM AS
DIFERENTES LINGUAGENS DA ARTE?**

CRICIUMA, 2013

DÉBORA MAGAGNIN DA SILVEIRA

**PRÁTICAS PEDAGÓGICAS NO ENSINO DA ARTE: POR ONDE ANDAM AS
DIFERENTES LINGUAGENS DA ARTE?**

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado para obtenção do grau de licenciada no curso de Artes Visuais da Universidade do Extremo Sul Catarinense, UNESC.

Orientadora: Prof^a Édina Regina Baumer

CRICIUMA, 2013

DÉBORA MAGAGNIN DA SILVEIRA

**PRÁTICAS PEDAGÓGICAS NO ENSINO DA ARTE: POR ONDE ANDAM AS
DIFERENTES LINGUAGENS DA ARTE?**

Trabalho de Conclusão de Curso aprovado pela Banca Examinadora para obtenção do Grau de licenciada, no Curso de Artes Visuais - Licenciatura da Universidade do Extremo Sul Catarinense, UNESC, com Linha de Pesquisa em Educação e Arte.

Criciúma, 25 de novembro de 2013.

BANCA EXAMINADORA

Prof^a. Édina Regina Baumer - Mestre - UNESC - Orientadora

Prof. Marcelo Feldhaus - Especialista – UNESC

Prof.^a Isabel Theis - Especialista – UNESC

A Deus por estar sempre ao meu lado, dando forças para não desistir e seguir sempre em frente. E pela Família maravilhosa que tenho, por estarem sempre me apoiando em todos os momentos.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus por ter me proporcionado a vida e por ter me dado força e conforto nos momentos em que mais precisei, não me deixando desistir nas horas mais difíceis. Sou muito grata por Deus ter me dado pais maravilhosos, Cipriano da Silveira e Isabel Magagnin da Silveira, que cuidaram sempre de mim. Com muito amor e dedicação me educaram e ensinaram a ser a pessoa que sou hoje. Agradeço pelo apoio e incentivo ao estudo e por acreditarem em mim. Agradeço também a minha irmã Daiane e meus queridos sobrinhos, pelos momentos de descontração e alegria. Afinal só tenho a agradecer por ter recebido essa família maravilhosa.

Agradeço muito ao meu noivo Eduardo Pietsch Arcaro, pelo amor, carinho, paciência e compreensão durante essa etapa de minha vida acadêmica. Agradeço a sua maravilhosa família em me acolher como uma filha, especialmente a minha querida sogra Sônia que nunca mediu esforços para me ajudar e ensinar ao longo de minha formação. Tenho muito a agradecer a minha querida Orientadora Édina pela paciência e os ensinamentos que levarei sempre comigo adquiridos ao longo do curso; com certeza a levarei sempre em meu coração, sentirei saudades de nosso convívio. Agradeço aos professores que foram fundamentais nesta caminhada em especial, Marcelo, Lenita, Odete, Angélica, Aurélia, Marlene, Silemar, Edite, Simone e Sérgio.

Agradeço a todos os meus colegas de curso pelos momentos de conversas, discussões, alegrias e risos, momentos esses em que muitos se transformaram em amigos que jamais esquecerei. Às minhas amigas e companheiras do curso de artes especialmente a Fabrícia por estar sempre ao meu lado, nos momentos bons e ruins, Thamires Sônego que me acolheu quando entrei para nossa turma e Naysa pelas nossas conversas. Agradeço a minha amiga Nídia por ter me ajudado, neste momento. Muito obrigada!

Só tenho a agradecer por tudo isso que Deus pode me proporcionar fazendo com que pessoas maravilhosas fizessem parte da minha vida. Sendo assim agradeço por todos que acreditaram na minha capacidade.

Muito obrigada!

“Arte é uma forma de conhecimento e expressão. Seu ensino tem como objetivo garantir aos alunos acesso ao patrimônio cultural e histórico e possibilitar atos de criação e conhecimento em diferentes linguagens da arte”.

Rosa Iavelberg

RESUMO

Este estudo traz como objetivo investigar se os professores das escolas do extremo sul catarinense estão desenvolvendo suas aulas com a integração das diversas linguagens da arte partindo do pressuposto que a linguagem artística é formada por quatro diferentes eixos: teatro, música, artes visuais e dança. Trago como problematização: os professores de Arte, na sua prática pedagógica, oportunizam o conhecimento sobre todas as linguagens da arte? Comparando diferentes autores e também por meio de pesquisa de campo, o presente trabalho traz uma abordagem acerca do ensino da arte e como essa disciplina vem sendo desenvolvida em escolas do extremo sul catarinense, quais linguagens são utilizadas com mais frequência e por que. Durante o processo da pesquisa construiu-se um referencial teórico dialogando com os documentos norteadores da educação brasileira: PCN (2001), OCEM (2006), Proposta Curricular de Santa Catarina (1998) e com a LDB n. 9394/96, para aprofundar os pensamentos de Buoro (2003), Coli (2006), Fusari; Ferraz (1999), Pillotto (2001), Iavelberg (2003), entre outros estudiosos do tema. Na etapa da pesquisa de campo, cinco professores e cinco alunos das escolas do extremo sul contribuíram respondendo à questões que permitem traçar um panorama da presença (ou não) das linguagens artísticas na disciplina de arte. O estudo revela que os professores sabem que as linguagens da arte são importantes para o aprendizado do aluno, mas que não são oportunizadas com frequência, geralmente sendo propostas somente para apresentações e festividades escolares. Foi possível concluir que as diferentes linguagens da arte são importantes para o conhecimento nessa área, logo, são necessárias ações na direção da formação continuada possibilitando aos professores de Artes do extremo sul catarinense a reflexão e a experimentação sobre as linguagens artísticas que devem ser oportunizadas em sala de aula.

Palavras-chave: Ensino da arte. Diferentes linguagens. Prática pedagógica.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

LDB Lei e Diretrizes de Base

PCN Parâmetros Curriculares Nacionais

OCEM Orientações Curriculares para o Ensino Médio

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
2 A ARTE NO CONTEXTO ESCOLAR	13
3 AS DIFERENTES LINGUAGENS DA ARTE	19
3.1 O PROFESSOR E AS DIFERENTES LINGUAGENS DA ARTE	24
4 POR ONDE ANDAM AS LINGUAGENS DA ARTE?	27
4.1 O QUE DIZEM OS PROFESSORES DE ARTE.....	28
4.2 OS ALUNOS E AS LINGUAGENS DA ARTE	31
5 PROPOSTA DE CURSO	35
6 CONCLUSÃO	38
7 REFERÊNCIAS.....	40
APÊNDICE	42

1 INTRODUÇÃO

O presente estudo volta seu foco de interesse para a importância de se oferecer aos alunos, bem mais que uma simples folha de papel onde deverão desenhar, pintar, recortar, baseando-se em uma atividade que esteja praticamente pronta, pois dessa forma os mesmos deixam de criar, imaginar e se expressar, assim seguindo as regras ditadas pelo professor. Durante a observação de estágio, foi isso que pude vivenciar e daí surgiu minha inquietação: isso é ensino de artes?

Nesse sentido, busco uma nova proposta na qual o ensino das artes ocupe um espaço de troca, de interlocuções, de interação, onde os educandos possam incorporar, contestar e produzir sentidos e significados através do teatro, da música, da dança, da pintura, da fotografia e demais linguagens da arte.

O professor tem um papel fundamental nessa relação, como a fonte de motivação e criatividade, não trazendo para as aulas de artes, somente modelos de atividades que já estejam prontos, mas fazendo com que o aluno tenha interesse e o desempenho que essa disciplina pode proporcionar.

Acredito que através do ensino das artes é possível a comunicação, a troca de experiências, de emoções, de sentimentos e conhecimentos do próprio corpo, oportunizando a criação de diferentes modos de se expressar.

Penso que assim, nós, enquanto professores de artes, estaremos contribuindo para que os alunos tenham oportunidades de produzir e aprender, não somente com a arte visual, mas sim com outras linguagens da arte: que o aluno possa se expressar, vivenciando assim suas emoções e sentimentos.

Trago as seguintes questões para saber se o professor na sua prática pedagógica oportuniza o aprendizado em todas as linguagens da arte: o professor busca estar atualizado para atuar dentro dessa disciplina, participando de cursos que venham inovar sua prática em sala de aula? Os alunos interagem com diversas linguagens dentro do ensino das artes?

Tive como objetivo investigar se os professores das escolas do extremo sul catarinense estão desenvolvendo suas aulas com a integração das diversas linguagens da arte. Junto a esse questionamento busquei identificar a formação dos professores de Artes do extremo sul catarinense e quais os procedimentos metodológicos adotados no desenvolvimento de suas aulas. Especialmente procurei

analisar se a metodologia de ensino está de acordo com o ensino da arte previsto pela LDB n. 9.394/96.

O local de desenvolvimento desta pesquisa foram algumas escolas municipais e estaduais do extremo sul catarinense, onde tomei como amostra cinco professores e cinco alunos que responderam ao questionário (Apêndice A) composto por perguntas objetivas.

O texto divide-se em alguns capítulos, iniciando pelo capítulo intitulado *A arte no seu contexto escolar*, abordando sobre as tendências pedagógicas e a trajetória do ensino da arte até se transformar em disciplina obrigatória nos currículos da educação básica brasileira. Fundamentam este capítulo os seguintes autores: Buoro (2003), Brasil (2001), Coli (2006), Fusari; Ferraz (1999), Pillotto (2001), Iavelberg (2003), Santa Catarina (1998).

Em seguida apresenta-se o segundo capítulo sobre *As diferentes linguagens da arte*, conceituando e situando-as dentro da grande área do conhecimento: arte. Para aprofundar esta escrita tomei como base os estudos de Ferreira (2004), Strickland (2004), Rossi (2009), Garcia (2000) e Cunha (2006). Para complementar este capítulo incluí um subtítulo para falar sobre *O professor e as diferentes linguagens da arte*, abordando questões sobre a prática pedagógica do professor de ¹Arte em relação às diversas linguagens da arte. Para fundamentar trago as falas de Gadotti (2000), Strazzacappa (2006), OCEM (2006), Martins (2005), Rosa (2005), Oliveira (2008) e Kandinsky (2000).

O último capítulo é intitulado *Por onde andam as linguagens da arte?* Nele apresento os dados obtidos através da participação de professores e alunos, analisando as respostas com base nos seguintes autores: Chiovatto (2012), PCN (1997) e OCEM (2006). Após analisar os dados trago uma proposta de curso e a conclusão do trabalho.

¹ Neste texto o termo arte encontra-se com letra maiúscula quando se refere à disciplina curricular.

2 A ARTE NO CONTEXTO ESCOLAR

A arte se faz presente desde as primeiras manifestações de que temos conhecimento, como linguagem na relação entre homem e mundo e fazendo parte das mudanças no decorrer da história. Para Buoro (2003, p. 20)

A arte, enquanto linguagem, interpretação e representação do mundo, é parte desse movimento. Enquanto forma privilegiada dos processos de representação humana é instrumento essencial para o desenvolvimento da consciência, pois propicia ao homem contato consigo mesmo e com o universo.

Dessa forma a arte é um meio do ser humano entender o mundo ao seu redor e relacionar-se com ele. A arte prezando pela criatividade humana e o homem prezando pela arte fizeram com que essa ganhasse seu devido valor. O homem passou de artesão a artista. A imaginação e originalidade sem limites, as novas descobertas, tudo contribuiu para que esse meio de expressão se consolidasse como algo indispensável.

O homem que desenhou um bisão numa caverna pré-histórica teve que aprender de algum modo, seu ofício. E, da mesma maneira, ensinou para alguém o que aprendeu. Assim, o ensino e a aprendizagem da arte fazem parte, de acordo com normas e valores estabelecidos em cada ambiente cultural, do conhecimento que envolve a produção artística em todos os tempos. (BRASIL, 2001, p. 21).

O fazer artístico está relacionado à criatividade, expressão, originalidade, imaginação e também requer conhecimento, ensino e aprendizagem: o sincronismo dos dançarinos numa coreografia, o ajuste no tom de voz do cantor, os pintores freqüentando o ateliê dos mestres mais consagrados. Até mesmo a apreciação artística necessita de certo conhecimento prévio.

A fruição da arte não é imediata, espontânea, um dom, uma graça. Pressupõe um esforço diante da cultura. Para que possamos emocionarnos, palpitar com o espetáculo de uma partida de futebol é necessário conhecer as regras do jogo, do contrario tudo passara despercebido. (COLI, 2006, p. 117)

Apesar do valor incalculável da arte para a sociedade em todas as partes do mundo, esta enquanto disciplina escolar no Brasil precisou de várias adaptações para ser considerada importante.

Durante muito tempo o ensino de arte se resumiu a atividades pouco criativas e marcadamente repetitivas com tarefas que se resumiam desde ligar pontos até copiar formas geométricas e memorizar partituras musicais, utilizando

assim a pedagogia tradicional. Dessa forma a arte na grade curricular era desvalorizada e menosprezada.

Nas primeiras décadas do século XX o ensino de arte, no caso, desenho, continuou a apresentar-se com este sentido utilitário de preparação técnica para o trabalho. Na prática, o ensino de desenho nas escolas primárias e secundárias fazia analogias com o trabalho, valorizando o traço, o contorno e a repetição de modelos que vinham geralmente de fora do país; o desenho de ornatos, a cópia e o desenho geométrico visavam à preparação do estudante para a vida profissional e para as atividades que se desenvolviam tanto em fábricas quanto em serviços artesanais. (FUSARI; FERRAZ, 1999, p. 30).

Não consideravam a criança como um ser criativo, por isso os professores inseriam e demonstravam o que tinha que ser feito, impossibilitando-a de criar e imaginar, restando-lhe apenas a opção de seguir as regras ditadas pelo professor. Segundo Fusari e Ferraz (1999, p. 30) “O ensino tradicional está interessado principalmente no produto do trabalho escolar ao mesmo tempo que a relação professor e aluno mostra-se bem mais autoritária, além disso, os conteúdos são considerados verdades absolutas”.

Atualmente isso ainda acontece, de acordo com o que diz Pillotto (2001). Alguns professores continuam com o ensino tradicional, deixando de proporcionar novas metodologias.

Na questão do ensino e da aprendizagem da arte, esta continua restringindo-se à cópia e à repetição de modelos propostos pelo professor, com o objetivo de desenvolver a coordenação motora e a percepção visual do aluno, que se exercita ao copiar fielmente, o mais completo possível, do modelo original. Essa concepção está presente na maioria dos cursos de arte espalhados pelo País. (PILLOTTO, 2001, p.26).

Em meados dos anos 1930, além dos desenhos, passaram fazer parte do currículo escolar o Canto Orfeônico e trabalhos manuais, que de alguma forma mantinham a metodologia do ensino artístico anterior.

É importante ressaltar que com a inexistência de professores formados na área até a década de 1960, as disciplinas ligadas à arte eram ministradas por qualquer professor ou então por alguém com domínio nas habilidades artísticas.

Até os anos 60, existiam pouquíssimos cursos de formação de professores nesse campo, e professores de quaisquer matérias ou pessoas com alguma habilidade na área (artistas e estudiosos de cursos de belas-artes, de conservatórios, etc.) poderiam assumir as disciplinas de Desenho, Desenho Geométrico, Artes Plásticas e Música. (BRASIL, 2001, p. 28).

A partir dos anos de 1960 surge o movimento da Escola Nova que traz idéias novas as quais começam a influenciar as aulas de Arte. Para Fusari e Ferraz (1999, p.31):

Sua ênfase é a expressão, como um dado subjetivo e individual em todas as atividades, que passam dos aspectos intelectuais para os afetivos. A preocupação com o método, com o aluno, seus interesses, sua espontaneidade e o processo do trabalho caracterizam uma pedagogia essencialmente experimental, fundamentada na Psicologia e na Biologia.

A Escola Nova conhecida também como tendência pedagógica escolanovista vem para romper a visão que se tinha até então de copiar modelos, partindo para a criatividade pura e livre expressão. Defendendo essa concepção, os professores não interferiam na produção dos alunos e nada falavam a respeito das obras de arte já consagradas zelando para que o educando não tivesse sua criatividade corrompida.

Na Escola Nova o aluno tinha total liberdade de criar suas produções, ao contrário da pedagogia tradicional em que o professor ditava as regras e aluno seguia. Nessa metodologia o professor oferecia o suporte para que o educando expressasse toda sua criatividade, pois entendia-se que o aluno teria mais autonomia e responsabilidade, tornando-se no futuro um cidadão mais atuante, capaz de interferir no meio social e de usar suas próprias ideias para resolver os problemas. Para Fusari e Ferraz (1999, p. 32), a Escola Nova “[...] via o aluno como ser criativo, a quem se devia oferecer todas as condições possíveis de expressão artística, supondo-se que, assim, ao “aprender fazendo” saberiam fazê-lo, também, cooperativamente, na sociedade”.

Dessa forma a escola apostava no aluno como um ser criativo, repleto de idéias e para Pillotto (2001, p. 28) essa tendência pedagógica “tem seus objetivos centrados no aluno. Os educadores que adotam essa concepção acreditam em uma sociedade mais justa e igualitária, na qual caberia à educação adaptar os estudantes ao seu ambiente social.”

Já nos anos 1960 e 1970 surge no Brasil a pedagogia Tecnicista. Nessa metodologia o professor proporcionava ao aluno materiais diversificados como sucatas para as produções artísticas ao mesmo tempo que explorava de maneira tímida o conhecimento a respeito da arte, isso porque o elemento principal nessa pedagogia era o sistema técnico da organização da aula. Como citam Fusari e Ferraz (1999, p. 32):

Orientados por uma concepção mais mecanicista, os professores brasileiros entendiam seus planejamentos e planos de aulas centrados apenas nos objetivos que eram operacionalizados de forma minuciosa. Faz parte ainda desse contexto tecnicista o uso abundante de recursos tecnológicos e audiovisuais, sugerindo uma “modernização” do ensino.

Na década de 1970, a arte passa ser incluída no currículo escolar, com o nome de Educação Artística, entretanto, continua sendo considerada como uma atividade educativa sem importância e menosprezada enquanto disciplina. Segundo Pillotto (2001, p. 30) “[...] é no início dessa década que a disciplina de Educação Artística torna-se obrigatória, a partir da Lei de Diretrizes e Bases n. 5.692/71, que centra o ensino da arte em técnicas e habilidades. A fragmentação no ensino da arte se dá em virtude do caráter tecnicista da lei”.

Somente uma década mais tarde começam a surgir mobilizações de professores já formados na área e conscientes da importância da arte.

A partir dos anos 80 constitui-se o movimento Arte-Educação, inicialmente com a finalidade de conscientizar e organizar os profissionais resultando na mobilização de grupos de professores de arte, tanto da educação formal como da informal. O movimento Arte-Educação permitiu que se ampliassem as discussões sobre a valorização e o aprimoramento do professor, que reconhecia o seu isolamento dentro da escola e a insuficiência de conhecimentos na área. As idéias e princípios que fundamentam a Arte-Educação multiplicam-se no País por meio de encontros e eventos promovidos por universidades, associações de arte-educadores, entidades públicas e particulares, com o intuito de rever e propor novos andamentos à ação educativa em Arte. (BRASIL, 2001, p. 30).

Nesse ínterim em que começam a se organizar movimentos de arte-educadores, surge também a proposta metodológica triangular desenvolvida por Ana Mae Barbosa que passa a ser oficialmente apresentada nos Parâmetros Curriculares Nacionais, tendo como base três eixos: o fazer artístico; a apreciação (leitura) dos objetos artísticos e a contextualização da produção artística.

Foi a partir dos anos de 1990, quando surge a LDB n. 9.394/96 trazendo novos paradigmas para educação, que se determina que a arte é e deve ser inserida na educação. Assim ela desempenha suas funções pedagógicas, políticas e sociais já que a todo o momento estamos decodificando o mundo. Nessa década surgem também os Parâmetros Curriculares Nacionais mobilizando em torno da formação contínua dos professores e oferecendo orientações didáticas para o trabalho dos professores de todas as disciplinas, inclusive a de Arte.

Podemos então observar que a arte foi ganhando um espaço especial nas escolas oferecendo uma inesgotável possibilidade de expressão de sentimentos e

de construção do conhecimento em arte. "Vê-se que da conscientização profissional que predominou no início do Movimento Arte-Educação evoluiu-se para discussões que geraram concepções e novas metodologias para o ensino e aprendizagem de arte nas escolas". (BRASIL, 2001, p. 30).

Então, cabe aos educadores, uma reflexão sobre essa forma peculiar e fantástica de conhecer, expressar e sentir o mundo através da arte; o conhecimento do mundo não se dá somente por conceitos lógicos, organizados de forma teórica como as ciências exatas. Segundo Iavelberg (2003, p. 9), cada vez mais professores de Arte vem descobrindo as possibilidades de trabalhar os conteúdos de arte e com isso "vem estabelecendo elos mais significativos entre a arte e as demais áreas curriculares". Isso ocorreu e continua ocorrendo devido às transformações do processo de ensino e aprendizagem nas aulas de arte.

A arte é uma disciplina obrigatória nas escolas, conforme determinação da LDB 9394/96. Cabe às equipes de educadores das escolas e redes de ensino realizar um trabalho de qualidade, a fim de que crianças, jovens, adultos gostem de aprender arte. Compete aos centros de formação de professores investirem em projetos de pesquisa e de formação contínua para que os professores sejam os protagonistas de práticas atualizadas em sala de aula. (IAVELBERG, 2003, p. 9).

A arte desempenha um papel importante na educação. Quando o educando desenha, faz uma escultura, dramatiza uma situação, conta uma história, ou realiza jogos ele transmite com isso uma parte de si mesmo, mostra como se sente, pensa e vê.

Dessa forma, como determina a LDB, faz-se necessário que Arte seja realmente uma disciplina valorizada nas escolas, que desperte no aluno o gosto de querer participar das várias linguagens que essa disciplina oportuniza. Entretanto para que isso ocorra, os professores devem estar em constante formação atualizando suas práticas para que realizem um ensino de qualidade onde seus alunos construam suas vivências não só em uma, mas em todas as linguagens possíveis.

A Proposta Curricular do Estado de Santa Catarina, no que diz respeito ao ensino da Arte, tem como pressuposto que arte gera conhecimento e o que se pode observar é que o modo de se trabalhar essa disciplina nesses últimos anos tem sofrido transformações significativas. Hoje é preciso que o professor organize um trabalho consistente, propondo atividades como: ver, ouvir, mover, sentir, perceber,

pensar, descobrir, fazer e expressar-se a partir dos elementos da natureza e da cultura, analisando-os e transformando-os. (SANTA CATARINA, 1998).

O conhecimento também se dá pela intuição, que é o conhecimento imediato e se refere não só à razão mas ao sentimento e à imaginação tanto para o artista que cria as obras quanto para o apreciador que se entrega a elas para incorporar e ressignificar seu sentido.

A educação em arte propicia o desenvolvimento do pensamento artístico, que caracteriza um modo particular de dar sentidos às experiências das pessoas: por meio dele o aluno amplia a sensibilidade, a percepção, a reflexão e a imaginação. Aprender arte envolve basicamente, fazer trabalho artístico, apreciar e refletir sobre as formas da natureza e sobre as produções artísticas individuais e coletivas de distintas culturas e épocas. (BRASIL, 2001, p. 15).

Nos dias atuais continuamos a perceber evidências de mudanças, pois a concepção da aula de artes, como um mero descanso, ou mesmo distração, sem importância e inferior as demais disciplinas, não se sustenta predominantemente. Vem se aprimorando com o passar dos dias as idéias de hibridismo e relação entre as linguagens da arte reforçando-a cada vez mais como uma área do conhecimento com conteúdos próprios.

3 AS DIFERENTES LINGUAGENS DA ARTE

Enquanto estudante – da Licenciatura em Artes Visuais – pude observar que segundo os PCN (2001), as aulas de Arte devem contemplar atividades relacionadas às artes visuais, ao teatro, à dança e à música, que são linguagens da arte. Segundo Oliveira (2008) a palavra linguagem refere-se a um conjunto de símbolos capaz de comunicar seus significados. O que diferencia as linguagens artísticas da linguagem verbal são as regras. Enquanto a verbal é constituída por regras gramaticais que propõe a perfeita interpretação o seu conteúdo, nas linguagens da arte é livre permitindo ao contemplador possibilidades de interpretações variadas. Penso que se proporcionarmos aos nossos alunos o conhecimento ligado aos quatros eixos citados acima, estaremos contribuindo para um aprendizado mais enriquecido. É importante variar as maneiras de estudar os conteúdos e programar atividades ao longo do ano.

Ao trabalharem com artes, os alunos desenvolvem habilidades específicas. Aprendem a lidar com materiais, ferramentas e equipamentos e com os elementos constitutivos de cada uma das artes- sons e silêncios, no caso da música: cores, formas, texturas e volumes, nas artes visuais; gestos e movimentos, no teatro. À medida que passam a dominar técnicas que lhes possibilitem manejar esses elementos para conceituar e expressar idéias, os alunos ficam mais confiantes, porque se tornam mais habilidosos e competentes no campo das artes. (FERREIRA, 2004, p. 24).

Para que o ensino da arte flua, é importante levar aos educandos todas essas diferentes linguagens, do contrário, a disciplina ficará desfocada e a compreensão acerca da arte não será clara e completa.

No eixo das Artes Visuais há um amplo repertório que contempla a pintura, escultura, desenho, gravura, cerâmica, entre outras. Com os avanços tecnológicos e transformações a partir da modernidade passam a integrar esse repertório também a fotografia, artes gráficas, performance e produções audiovisuais como o cinema. Mesmo com tantas possibilidades vale ressaltar que “a educação em artes visuais requer trabalho continuamente informado sobre os conteúdos e experiências relacionados aos materiais, às técnicas e às formas visuais de diversos momentos da história, inclusive contemporâneos”. (BRASIL, 2001, p. 61).

Trabalhar a linguagem visual seja ela através da pintura, escultura, fotografia, instalação ou qualquer outro meio, contribui amplamente para o aprendizado do aluno, seu repertório artístico, sua criatividade e sua autonomia.

Ler, identificar e interpretar elementos presentes numa imagem, que pode ser uma pintura de Van Gogh ou uma fotografia de Sebastião Salgado, por exemplo, é de fundamental importância, pois permite ao educando se comunicar com a arte, entende-la e valorizá-la como linguagem importante na sociedade.

De acordo com Strickland (2004), o desenho, a pintura e a escultura se fazem presentes desde a origem da civilização. Mais do que representar ou expressar, a linguagem visual teve papel fundamental na história da humanidade humana. Para dar alguns exemplos, na pré-história o homem primitivo fez uso da pintura como um ritual de poder; mais tarde os egípcios fizeram uso da arquitetura para garantir a vida eterna ao faraó após a morte; a linguagem visual também foi usada como forma de protesto: Picasso fez obras como *“Guernica”* mostrando a crueldade da guerra.

Para Rossi (2009), proporcionar ao educando o conhecimento da linguagem visual e sua interferência na sociedade ajuda-o a compreender sua história. Sem conhecimento prévio das diferentes técnicas e movimentos artísticos, o educando não compreenderá, por exemplo, porque obras como as de Pollock ou Mondrian são consideradas arte, ou então, porque exposições com instalações contemporâneas atraem tantos visitantes nas galerias de arte.

As mudanças no mundo da arte devem ser discutidas no âmbito da disciplina arte, pois afetam diretamente o trabalho em sala de aula, e o entendimento do modo como o aluno constrói conhecimento na (e através da) arte no domínio da apreciação estética. (ROSSI, 2009, p. 20)

Mas não só de conhecimento teórico vive a arte. Para que o aluno possa ser contagiado pela linguagem visual, ele precisa vivenciá-la. Fotografar uma parte da escola que antes havia passado despercebido por ele, organizar uma instalação, modificar uma pintura porque uma gota de tinta caiu inesperadamente, tudo isso colabora positivamente na aprendizagem do aluno na medida em que interfere em seus sentimentos, lembranças e opiniões.

Outra linguagem que deve ser trabalhada nas aulas de artes é o teatro. A expressão teatral está presente desde a pré-história, quando o homem primitivo, imitava a si mesmo a fim de representar seus costumes e suas caçadas, assim também representando os deuses. Segundo Pillotto (2001, p. 146) “O teatro existe desde que existe o homem, surge quando o homem primitivo separa-se do grupo para se “mostrar” a esse grupo ou, ainda, quando nas cerimônias religiosas coloca e tira sua máscara diante do espectador”.

A expressão teatral ganhou ainda mais ênfase na civilização grega, onde enormes espaços exclusivos para apresentações eram construídos. Esse meio artístico foi, dessa forma, passado de geração para geração, chegando assim, a fazer parte na educação escolar. Segundo Japiassu (2008, p. 26), “a inclusão do teatro como componente curricular da educação formal de crianças, jovens e adultos nas principais sociedades ocidentais deu-se com o processo de escolarização em massa que caracterizou a democratização do ensino laico ao longo do século XX”.

Ao participar de atividades que envolvem o teatro, o aluno tem a oportunidade de se desenvolver dentro do seu próprio grupo de maneira responsável estabelecendo relações entre o individual e o coletivo. O professor também aprende a ouvir e acolher opiniões, assim respeitando as diferentes ideias. Para Ferreira (2004, p.127), “na escola, o teatro não tem por objetivo profissionalizar o ator, mas proporcionar ao aluno a vivência dessa linguagem artística, para que ele possa conhecê-la e ter subsídios suficientes para integrá-la ao seu universo cultural”. Muitas vezes o professor deixa de trabalhar o teatro com seus alunos por pensar que não sabe o suficiente sobre o assunto, entretanto, o educando não espera que ele saiba tudo, mas que proporcione a oportunidade de vivenciar essa expressão artística.

O professor de teatro na escola não é, a meu ver, um especialista em teatro. Não precisa, portanto, conhecer todos os percursos do teatro, como um diretor de teatro precisa. Meu esforço talvez maior seja no sentido mesmo de investir na interface da arte com a educação buscando avançar sobre uma pedagogia mais libertária e integradora do homem e seu povo. (GARCIA, 2000, p.102).

Nas discussões de sala de aula do curso de licenciatura em Artes Visuais refletimos que para o professor ensinar o teatro não é necessário ter formação específica nessa área, no entanto precisa ter vivências, leituras e encaminhamentos metodológicos que possam contribuir na formação integral dos alunos. Garcia (2000, p.103) nos dá um exemplo dizendo que “a importância do teatro na educação é muito grande na periferia. Três ou quatros trabalhos que realizei nessa área me ajudaram a ter claro o papel das representações cênicas na construção da resistência cultural nas favelas”.

Ainda no teatro o aluno expressa-se com o corpo, alma e movimento, ele cria textos, utiliza figurinos e cenários abrindo assim portas para um mundo de imaginação e fantasia. Além de se expressar melhor, o educando também aprende a

interagir e se integrar de forma mais ampla com o grupo. “O teatro, no processo de formação da criança, cumpre não só a função integradora, mas dá oportunidade para que ela se aproprie crítica e construtivamente dos conteúdos sociais e culturais de sua comunidade mediante trocas com os seus grupos.” (BRASIL, 2001, p. 84).

Da mesma maneira que a expressão teatral, a dança é outra linguagem da arte, de essencial importância. Desde a Pré-História, o homem já dançava para comunicar suas emoções e sentimentos, assim experimentando e conhecendo as possibilidades do seu corpo.

A dança é considerada uma das primeiras manifestações artísticas do ser humano. Como mostram os desenhos rupestres, o homem primitivo já dançava, expressando pelo movimento corporal seus medos e seus louvores. Dançava de forma ritual, para evocar deuses, para se preparar para a caça, para enfrentar o inimigo nas guerras, para agradecer a colheita etc. (FERREIRA, 2004, p. 39).

Sabemos que a dança é uma linguagem muito rica, pois nela está presente a expressão corporal com movimentos ligados a música, que também é uma das linguagens da Arte. “A arte da dança faz parte das culturas humanas e sempre integrou o trabalho, as religiões e as atividades de lazer. Os povos sempre privilegiaram a dança, sendo esta um bem cultural e uma atividade inerente à natureza do homem”. (BRASIL, 2001, p. 67).

Esse meio de expressão precisa estar presente de alguma forma nas aulas de artes, pois ela desenvolve na criança e no adolescente um maior entendimento de como pode se expressar com o seu próprio corpo e de “[...] sua capacidade de movimento, mediante um maior entendimento de como seu corpo funciona. Assim, poderá usá-lo expressivamente com maior inteligência, autonomia, responsabilidade e sensibilidade.” (BRASIL, 2001, p. 67).

Acredito que os professores ao proporcionarem essa linguagem artística estarão despertando nos alunos o poder que o seu próprio corpo tem através dos ritmos e formas. Segundo Strazzacappa (2006, p. 72) “A dança possibilita uma percepção e um aprendizado que somente são alcançados por meio do fazer-sentir que tem ligação direta com o corpo, que é a própria dança”.

Como citado anteriormente a dança está presente em nosso meio desde a pré-história onde o homem primitivo já fazia o uso dessa linguagem artística para celebrar as forças da natureza e as mudanças de estação. Segundo Ferreira (2003, p. 47), dentre todas as linguagens da arte, “embora a dança continue a ser, [...] a

menos conhecida, a introdução de atividades de dança na escola não é um assunto recente. As primeiras iniciativas aconteceram nos anos 40 com a chegada ao Brasil de Maria Duschenes”.

Diante de todos os benefícios que ela traz para o educando muitas vezes percebemos que a mesma é pouco desenvolvida no ambiente escolar. Para Strazzacappa (2006, p. 71), a dança é a mais antiga das linguagens artísticas e “a arte vem abrir perspectivas para uma compreensão do mundo de forma mais flexível, mais poética, mais sensível e mais significativa”.

Outra linguagem das artes é a música que está presente em todos os lugares: vivemos cercados de sons ao nosso redor, que se estendem do canto de um passarinho até uma combinação de instrumentos sonoros. À medida que vamos distinguindo, aprendemos a interpretar sonoridades diversas. “Um olhar para toda a produção de música do mundo revela a existência de inúmeros processos e sistemas de composição ou improvisação e todos eles têm sua importância em função das atividades na sala de aula”. (BRASIL, 2001, p. 76).

É interessante observar que, mesmo que muitas vezes ela é menosprezada no ambiente escolar, a música faz parte da vida dos educandos e “é uma das formas mais significativas das culturas jovens. Ouvir música, tocar, cantar, criar, falar sobre música, ir a shows, fazer parte de um grupo musical são algumas das maneiras mediante as quais acontece a interação entre jovens e música”. (BRASIL, 2006, p. 95). Para que o professor proporcione o estudo da música aos seus alunos principalmente depois da lei da obrigatoriedade da música² ele não precisa ser um músico formado. A partir do momento em que os alunos criam sons por meio de diferentes objetos sonoros, por exemplo, já estão experimentando a linguagem da música. Para Garcia (2000, p. 20) “muitos professores e professoras, ao pensarem que só pode trabalhar com a linguagem musical quem sabe música, deixam de experimentar e criar sons. Contudo músicos modernos e contemporâneos usaram e continuam usando justamente sons cotidianos para comporem músicas”.

Muitas vezes também, por receio que o som produzido incomode o ambiente escolar, o professor trabalha essa linguagem teoricamente, interpretando com alunos, por exemplo, a letra de uma canção mesmo sem ouvi-la, e impossibilitando outras vezes que o aluno ouça ou produza seus próprios sons. No

² Lei 11.769/2008 – altera a LDB n. 9.394/96 determinando que a música deverá ser conteúdo obrigatório do ensino da arte. http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2008/Lei/_leis2008.htm

entanto, para Cunha (2006, p. 62) “a música só pode ser pensada, construída, descoberta, manipulada, refletida, representada, produzida, etc., com sons, pois ela é presença concreta e assim se realiza”.

Sabemos que é da própria natureza do ser humano imitar sons do cotidiano que já está acostumado a ouvir e até mesmo criar instrumentos para experimentar sonoridades ou fazer a música. Nessa direção, ao invés de levar músicas prontas o professor pode deixar que as crianças e os adolescentes criem suas próprias sequências sonoras. Segundo Garcia (2000, p. 31) “é preciso e possível, mesmo antes de se ter acesso ao instrumento (se é que um dia a maioria de nossas crianças terá), criar formas de desenvolver uma educação musical, mesmo não sendo músico. É possível criar, construir explorar sons/ ruídos”.

Então não podemos impedir que os alunos usufruam dessa linguagem também na escola; com tampas de panelas, colheres, potes com pedrinhas e demais objetos sonoros, todos podem criar suas serenatas, seus concertos, seus ruídos, sons e sinfonias.

3.1. O PROFESSOR E AS DIFERENTES LINGUAGENS DA ARTE

A prática pedagógica do professor precisa ser condizente com o que se passa no ensino da arte na atualidade, para que os alunos possam aprofundar seu entendimento sobre essa disciplina e sobre a arte em si, na sociedade. Para isso cabe pensar que:

Diante de novos espaços de formação e de inovação educacionais que se abrem hoje, a escola, mais do que lecionadora, deve ser gestora do conhecimento, e o professor, mais que um transmissor do conhecimento deve ser um animador, “um amigo do conhecimento” como dizia Sócrates, sobre o filósofo.(GADOTTI, 2000, p. 45).

É preciso que os professores reflitam sobre suas práticas, sobre o processo de ensino e aprendizagem e que busquem novas formas didáticas e metodológicas para que seus alunos não participem das aulas como meros espectadores. É necessário que o professor – além da motivação – faça também a mediação desse processo tornando a sala de aula um ambiente onde o conhecimento aconteça de forma significativa. Martins (2005, p. 46), entende a por mediação “toda e qualquer forma de participar ao aluno um conteúdo específico em arte ou linguagens artísticas, interligando-os aos seus interesses, ou ao contrário, a

partir do interesse do aluno construir a argumentação que amarre e fundamente o significado da arte”.

A mediação também ajuda o aluno a tirar as suas dúvidas e dificuldades principalmente porque desperta o interesse do mesmo para o conhecimento o motivando em aprender. Isso é possível pela “troca de informações, ampliação de repertório, exercício perceptivo, formação do olhar. Estes são alguns dos elementos presentes na mediação” (MARTINS, 2005, p. 4).

Na mediação ocorre a troca de experiências entre o professor e aluno e para Martins (2005, p. 53) “esse caminhar é uma ação que não tem volta, iremos querer cada vez mais já que aprendemos a aprender. Nos tornamos aprendizes. Todos nós: professores/alunos=mediadores”. Assim sendo, o professor deve deixar de ser um transmissor de idéias, onde os alunos não podem contestar suas opiniões. É preciso que haja um novo olhar sobre as práticas pedagógicas, possibilitando melhorias, reflexões e o despertar de novas perspectivas para o processo de ensino e aprendizagem. Para Gadotti (2000, p. 8),

seja qual for a perspectiva que a educação contemporânea tomar, uma educação voltada para o futuro será sempre uma educação contestadora, superadora dos limites impostos pelo Estado e pelo mercado, portanto, uma educação muito mais voltada para a transformação social do que para a transmissão cultural.

Os seres humanos desenvolveram, no decorrer da história, várias formas de conhecer, expressar, interpretar e dominar a realidade em que vivem. Expandiram seus conhecimentos de mundo, criaram e aprofundaram a reflexão sobre todos os aspectos da sobrevivência. Todavia, uma das coisas que diferenciam o ser humano dos demais seres vivos é a sua capacidade artística. Assim o acesso ao saber, à cultura e à arte envolve também a criatividade, a imaginação, a emoção e o sentimento, conceitos esses que dependem de diferentes concepções. Diante de tudo isso confirma-se a importância do professor de Artes proporcionar aos seus alunos a integração das diferentes linguagens da arte.

No momento atual, a educação, mais do que nunca, precisa responder às necessidades sociais, não apenas de maior participação, mas também de acesso aos bens materiais e simbólicos coletivamente produzidos. Cabe, portanto, à educação, participar do processo de construção da cidadania plena, atuar no sentido da democratização do acesso ao saber, à cultura e à arte. (ROSA, 2005, p.166).

Sabemos que é de suma importância que os alunos aprendam a fazer arte e gostem dela ao longo da vida. O gosto nasce também da qualidade da

mediação que o professor realiza entre os aprendizes e a arte em seus diferentes eixos.

Ainda hoje muitos professores utilizam apenas a linguagem visual, deixando com que os alunos não vivenciem as demais linguagens que a arte proporciona.

Ao se limitar o ensino da Arte a apenas uma “linguagem” nas escolas ou, na melhor das hipóteses, pelo ensino de cada “linguagem” em momentos distintos no processo de aprendizagem, ou seja, em séries diferentes (multidisciplinaridade), verifica-se a existência de dois problemas, o primeiro mais forte que o segundo: ou o aluno conhece apenas uma “linguagem” artística, geralmente a visual; ou conhece distintas “linguagens” sem estabelecer relações entre elas, de modo que o conhecimento de uma área não contribui para o aprendizado das demais. (OLIVEIRA, 2008, p. 80).

Dessa forma, acredito mais uma vez que o aluno deve e pode conhecer as várias linguagens da arte, pois ela faz parte das diversas culturas, no entanto, para isso

É necessário que o professor seja um “estudante” fascinado por arte, pois só assim terá entusiasmo para ensinar e transmitir a seus alunos a vontade de aprender. Nesse sentido, um professor mobilizado para a aprendizagem contínua, em sua vida pessoal e profissional, saberá ensinar essa postura para seus estudantes. (IAVELBERG, 2003, p. 12).

A arte não pode ser fragmentada e aqui nos lembramos do que diz Kandinsky (2000, p. 59), ao defender “a união das forças de todas as artes”. Esse artista – pintor e músico – acreditava na síntese das artes, ou seja, não só “na correspondência ideal e diacrônica das obras de todas as épocas [...] mas, além disso, na equivalência absoluta de todas as diferentes artes entre si” (KANDINSKY, 2000, p. 13). De qualquer forma, a arte é completa, une a alegria e a tristeza, o sentimento e a realidade, a experiência e o aprendizado. Mostra o belo em qualquer objeto que possua forma.

4 POR ONDE ANDAM AS LINGUAGENS DA ARTE?

A pesquisa nos remete ao entendimento do que não temos conhecimento. Muitas vezes sabemos algo sobre, mas não o suficiente para sabermos se chegamos ao objetivo esperado.

Quando pesquisamos entendemos muito mais do que sabíamos, pois ocorre um processo de aprofundamento no assunto, passamos a conhecer mais sobre o que estamos investigando. É busca pelo conhecimento, é algo que queremos saber, entender e compreender.

O presente trabalho traz como título: “*Práticas pedagógicas no ensino da arte: por onde andam as diferentes linguagens da arte?*” e nesse sentido se constitui o problema deste estudo: O professor na sua prática pedagógica oportuniza todas as linguagens da arte?

Para realizar este trabalho tracei como objetivo geral investigar se os professores das escolas do extremo sul catarinense estão desenvolvendo suas aulas com a integração das diversas linguagens da arte. E como objetivos específicos: identificar a formação dos professores de Artes do extremo sul catarinense; verificar quais os procedimentos metodológicos adotados no desenvolvimento de suas aulas e analisar se a metodologia de ensino está de acordo com o ensino da arte previsto pela LDB n. 9.394/96.

O trabalho se insere na linha de pesquisa Educação e arte do curso de Artes Visuais - Licenciatura e na tentativa de entender a problemática nas escolas do extremo sul catarinense, realizei uma busca do tipo básica, que segundo Silva (2001, p. 20) “objetiva gerar conhecimentos novos úteis para o avanço da ciência sem aplicação prática prevista. Envolve verdades e interesses universais”.

A abordagem sobre os dados coletados foi qualitativa onde “[...] os pesquisadores [...] usam cada vez mais lentes ou perspectivas teóricas para guiar seu estudo e levantar questões [...]” (CRESWELL, 2007, p. 141).

Na etapa da pesquisa de campo optei pela pesquisa exploratória e descritiva, sendo que a análise dos dados se fundamentou a partir de “[...] material já elaborado constituído principalmente de livros e artigos científicos. (GIL, 1996, p. 48) caracterizando assim o estudo bibliográfico.

As pesquisas descritivas têm como objetivo primordial a descrição das características de determinada população ou fenômeno ou, então, o

estabelecimento de relações entre variáveis. São inúmeros os estudos que podem ser classificados sob este título e uma de suas características mais significativas está na utilização de técnicas padronizadas de coleta de dados, tais como o questionário e a observação sistemática (GIL, 1996, p. 46).

Para coleta de dados utilizei o questionário que segundo Gil (1996 p.90) é um conjunto de questões que são respondidas por escrito pelo pesquisado. Dessa forma, elaborei perguntas para cinco professores de Arte e para cinco alunos do oitavo ano do Ensino Fundamental – escolhi os alunos do ensino fundamental mais precisamente o 8º ano, por uma questão de identificação pessoal.

Para os professores, identificados neste estudo por P1, P2, P3, P4 e P 5 o questionário apresentou as seguintes perguntas: Você na sua prática pedagógica proporciona aos alunos o contato com todas as linguagens da arte? Por quê? Quais linguagens da arte estão mais presentes nas suas aulas? Você conhece as determinações da LDB 9.394/96 para o ensino da arte? Ela aponta para quais linguagens? A escola onde você trabalha, em sua organização, proporciona aos alunos um ambiente onde eles possam desenvolver as diferentes linguagens da arte?

Para os alunos (A1, A2, A3, A4 e A5) dirigi um questionário interrogando: Quais as atividades que você mais gosta nas aulas de arte? O que você nunca vivenciou nas aulas de arte e gostaria de experimentar? Como você avalia as aulas de arte? Para você o que é arte? Em suas aulas de arte, em algum momento você já participou de uma atividade teatral ou musical? A análise dos dados nos possibilita visualizar por onde andam as linguagens da arte. Será que estão presentes em algumas escolas da região do extremo sul catarinense?

4.1 O QUE DIZEM OS PROFESSORES DE ARTE

Início perguntando aos professores de arte se eles proporcionam aos alunos o contato com todas as linguagens da arte. Três professoras afirmaram que procuram trabalhar dentro do espaço e tempo disponível; apontaram para falta de materiais, muitas turmas para lecionar e ambiente não adequado. P1 respondeu que trabalha com teoria e prática logo não respondeu a questão proposta. No entanto, P3 afirmou:

- O ensino de artes é essencial o uso das linguagens, proporcionando o acesso e integração entre linguagem e conteúdo. A utilização da diversidade das linguagens permite ao professor ir além do fazer artístico, torna a arte uma disciplina educativa que possibilita à criança uma leitura de mundo, a apropriação da realidade e seus registros. A vivência com as diferentes linguagens influenciará no seu modo como aprende, como se comunica e como faz a história do seu contexto.

Como P3 outras professoras também apontaram para importância do trabalho das diversas linguagens da arte o que remete ao que diz Ferreira (2004, p. 23):

Ao trabalharem com artes, os alunos desenvolvem habilidades específicas. Aprendem a lidar com materiais, ferramentas e equipamentos e com os elementos constitutivos de cada uma das artes – sons e silêncios, no caso da música; cores, formas, texturas e volumes, nas artes visuais; gestos movimentos e pausas, na dança; palavras e silêncios, expressões, gestos e movimentos, no teatro.

Em seguida perguntei quais as linguagens da arte estão mais presentes nas aulas dessas professoras. A linguagem mais citada em suas diversas formas de expressão foi a linguagem visual: pinturas, desenho, escultura, artesanato, cinema e artes plásticas. O teatro e a música foram citados por quatro professoras e duas professoras afirmaram que trabalham com a linguagem da dança. P4 explica que a dança é voltada para apresentações especiais e justifica:

- Lecionar conteúdos referentes as artes visuais não é mais cômodo ou fácil que os demais eixos da linguagem artística, pois necessita de planejamento e material de apoio tanto quanto as demais, entretanto, domino melhor essa área e como as artes visuais se dividem em muitos meios de expressão o conteúdo é mais amplo.

Nota se que P4, ao justificar sua resposta, aborda a questão da comodidade de trabalhar as artes visuais mesmo que a pergunta não foi nesse sentido. A comodidade pode representar um problema quando, segundo Chiviotto (2012, p.1) “a falta de preparo resultante da trajetória de educação formal tende a criar professores desmotivados, acomodados a uma prática convencional, autômata, na qual perdem o prazer de ensinar, tanto quanto os alunos perdem o de aprender”.

Ao questionar sobre as determinações da LDB n. 9.394/96 para o ensino da arte as professoras demonstram pouco conhecimento acerca do artigo 26 parágrafo 2 e 6, que remete ao ensino da arte. Três professoras afirmaram que essa legislação aponta para as quatro linguagens: artes visuais, teatro, música e dança e

P3 diz que a LDB dá ênfase nas artes visuais. P1 cita questões dirigidas aos profissionais da educação, em geral, como associações entre teoria e prática, capacitação e aproveitamento da formação e experiências anteriores. Vale destacar a contribuição de P4 que afirma sobre a LDB n. 9.394/96:

- Ela propõe que o professor ensine música, teatro, dança e artes visuais, entretanto o professor não recebe nenhum material de apoio, como livro didático, por exemplo. Aula de artes não pode ser improvisada ou se basear apenas em criatividade. Um professor formado em artes visuais, por exemplo, tem condições de ensinar música mesmo não sabendo tocar um instrumento musical, mas ele precisa saber o que é ritmo, melodia, distinguir os gêneros musicais, por isso ele necessita de material de apoio para que ele possa se sentir confiante e ensinar corretamente seus alunos.

A professora sente falta de material de apoio, no entanto aprendemos na graduação Licenciatura em Artes Visuais, que existem documentos norteadores para a organização da educação brasileira como os PCN e as OCEM, que trazem orientações didáticas. Essas orientações

[...] referem-se ao modo de realizar as atividades e às intervenções educativas junto dos estudantes nos domínios do conhecimento artístico e estético. São idéias e práticas sobre os métodos e procedimentos para viabilizar o aperfeiçoamento dos saberes dos alunos em Arte. (BRASIL, 1997, p. 105).

Ao perguntar se a organização da escola onde trabalha proporciona aos alunos um ambiente onde eles possam desenvolver as diferentes linguagens da arte, duas professoras afirmaram que não possuem sala própria para aulas de artes, e uma delas ainda cita que a escola não está adequada para a maioria das práticas. Para Ferreira (2004, p.34), “uma das grandes queixas dos professores é que nossas escolas não oferecem condições adequadas para o ensino das artes: faltam materiais equipamentos e locais adequados”.

Outras três professoras afirmam que possuem sala para as aulas de artes. P4 explica que faz *o uso de uma sala que não esta sendo utilizada para outros fins* que é uma sala comum, mas que se transformou em um ambiente voltado para arte.

Segundo Ferreira (2004, p. 35)

Por outro lado, em algumas escolas públicas, onde as aulas acontecem em salas comuns e onde o material é simples, pouco variado e em pequena quantidade, geralmente restrito à sucata e ao lápis de cor, pude observar trabalhos de excelente qualidade. Simplificando bastante, podemos falar de

um padrão de ensino artístico- que com pequenas variações ocorre tanto nas aulas de música, como nas aulas de artes visuais, dança ou teatro.

Nessa direção, P3 responde afirmativamente ao questionamento:

- *Sim! A escola possibilita o desenvolvimento das diferentes linguagens da arte com o apoio e as ações do professor de arte, e o espaço físico para realização dessas ações, teatro, dança, produção plástica.*

Dessa forma, ficou claro que essas professoras procuram trabalhar dentro do espaço, do tempo e do material disponível em sua escola, mas que consideram importante o uso das diversas linguagens sendo que a pintura, o desenho, a escultura e artes plásticas são as mais frequentes. Poucas trabalham a música e a dança. Demonstram também pouco conhecimento sobre a LDB vigente e reclamam da falta de material de apoio; muitas escolas não possuem sala própria para artes logo não estão adequadas para esse ensino.

4.2 OS ALUNOS E AS LINGUAGENS DA ARTE

Ao perguntar aos alunos do oitavo ano, quais as atividades que mais gostam nas aulas de artes, apenas duas alunas citaram o teatro e uma delas também gosta de cantar; os demais alunos citaram atividades feitas com pintura e desenhos citando tintas e giz de cera. A2 diz que gosta de *ter contato visual com obras* de artes e A5 diz que gosta de *fazer releituras de imagens*. As respostas dos alunos vão ao encontro do que os questionários respondidos pelas professoras revelaram: a predominância da linguagem visual nas aulas de artes.

Um dos desdobramentos que possibilitou o avanço da disciplina de Artes foi justamente a proposta triangular criada por Ana Mae Barbosa na década de 1980, que valorizada a criação, a leitura da obra de arte e a contextualização, do que derivaram as releituras muito utilizadas nas aulas de artes como citado pela aluna A5, mas que contempla nesse sentido mais a linguagem visual que as demais.

Essa abordagem vinha quebrar com o conhecido sistema de ensino da arte, especialmente visual, em que o aluno era levado apenas a se expressar, e propunha que se trabalhasse com três ações mental e sensorialmente básicas quais sejam: criação, leitura da obra de arte (fazer artístico) e contextualização. (BARBOSA, 2005, p.143).

Quando pergunto aos alunos o que gostariam de experimentar nas aulas de artes obtivemos respostas bem diversas. A1 disse que gostaria de fazer atividades com música e teatro; A2 gostaria de experimentar aulas livres que envolvessem a natureza e A5 tem a curiosidade em saber esculpir. Nesse sentido, as OCEM alertam:

Os jovens articulam uma cultura própria. Embora dirigida a eles, a escola costuma negligenciar esse repertório cultural presente nas diversas linguagens (verbal, visual, musical, corporal e suas mixagens). No campo da linguagem visual, isso é perceptível nos modos de vestir, nas estam-pas das camisetas, das capas dos cadernos, dos CDs, nas imagens dos vídeoclipes, nas histórias em quadrinhos, nos grafites urbanos, entre outros exemplos. (BRASIL, 2006, p. 186).

A participante A4 demonstra vontade de fazer coisas diferentes *além de textos desenhos e cartões* a participante A2 surpreende quando diz:

- *A escola não é adequada para a prática de atividades mais elaboradas como teatro com cenários e roupas específicas obras em telas, etc.*

Percebe-se que aluna tem vontade de fazer coisas diferentes e sente que a escola não está preparada. Sobre isso, as OCEM orientam:

A rigor, na própria sala de aula, com todas as dificuldades que se apresentam ao processo de ensino-aprendizagem, a superação dos limites tradicionalmente impostos pela técnica da atuação no palco favorece a criação de propostas que podem ser remetidas à reflexão estética e pedagógica, envolvendo, dialogicamente, a participação direta dos jogadores atuantes e dos observadores. Além disso, tal como ocorre nas demais linguagens da arte, a interação entre forma e conteúdo, materiais e suportes, processo e produto são faces de uma mesma moeda, bem como estratégias de construção cotidiana do currículo. (BRASIL, 2006, p. 190).

Portanto as dificuldades não devem impedir que o professor de Arte leve para sua sala de aula novas formas de ensinar a arte, através das demais linguagens.

Ao questionar aos alunos sobre como eles avaliam as aulas de arte, três alunas citaram que acham as aulas boas e interessantes e que gostam bastante das aulas porque são diversificadas. A3 explica que a aula de arte *ensina a mostrar nossos talentos*. Sobre isso Ferreira (2004, p.117) explica que “a arte propicia igualmente o exercício da sensibilidade. A pintura, a música, a dança, a representação teatral, a escultura e tantas outras formas artísticas aguçam nossos sentidos e provocam sensações diversas nas pessoas.”

Já A5 afirma que:

- *As aulas são produtivas e sempre aprendemos algo diferente como: uma nova técnica de pintura recorte ou dobradura, a vida de um artista ou ainda quando comparamos as diferentes manifestações entre os povos.*

Essas respostas remetem ao objetivo do ensino da arte, previsto pela LDB n. 9.394/96 que é de promover o desenvolvimento cultural dos alunos da educação básica pois tratam de conhecimento sensível e diversidade cultural.

Ao perguntar para os alunos o que é arte, obtivemos várias respostas: A3 disse que a arte é uma atividade que é realizada através da imaginação; A5 responde que é poder olhar o mundo e descobrir a sua volta elementos interessantes e conseguir expressar isso de diversas formas. Já A1 afirma que arte para ela é:

- *a forma que a gente tem para se expressar, em forma de desenhos, de pinturas, de quadros, em atividades de música e teatro.*

Nos depoimentos desses alunos percebe-se que não há a relação direta entre o conceito de arte e apenas uma das linguagens da arte. Eles parecem compreender a arte em suas diversas linguagens. Muitos estudiosos vêm tratando disso e para Garcia (2000, p.97), por exemplo, “a linguagem teatral é perpassada pela música, pelo som, pela palavra pelas artes plásticas, pela dança etc. E costuma ser produzida a partir de certo texto dramático”.

Continuamos a pesquisa perguntando aos alunos se em suas aulas de arte, em algum momento já haviam participado de uma atividade teatral ou musical. Três alunas afirmam que nunca participaram de nenhuma atividade teatral ou musical e A2 diz que já participou, mas tudo muito simples na própria sala. A5 afirma:

- *Sim, já participei. Em geral, são apresentadas mais peças teatrais é durante o período das festas juninas também são feitas danças e encenações.*

Essa resposta remete a um período da história do ensino da arte onde

As atividades de teatro e dança somente eram reconhecidas quando faziam parte das festividades escolares na celebração de datas como Natal, Páscoa ou Independência, ou nas festas de final de período escolar. O teatro era tratado com uma única finalidade: a da apresentação. As crianças decoravam textos e os movimentos cênicos eram marcados com rigor. (BRASIL 1997, p. 25).

O que percebemos em relação às linguagens da arte é que fica evidente que a maioria dos alunos gosta de atividades com pinturas, releituras e demais,

assim revelando a predominância da linguagem visual. Porém eles têm curiosidades em experimentar outros tipos de aulas com música, teatro. Houve também a preocupação da parte dos alunos com o fato de a escola não estar preparada para as aulas e ainda assim alguns alunos, ao avaliar suas aulas, citam ser interessantes. No conceito sobre arte eles fazem relação com as demais linguagens. A maioria dos alunos nunca participou de uma peça teatral e musical e as poucas vezes em que já participaram, foram apresentações em festas juninas e encenações.

Juntando as opiniões dos alunos sobre as linguagens da arte ao que dizem os professores de Arte, o que se pode fazer é oportunizar a formação continuada para que esses possam constantemente atualizar suas práticas pedagógicas, revertendo os conhecimentos em novas aulas de arte. Nesse sentido elaboro uma proposta de curso que apresento a seguir.

6 PROPOSTA DE CURSO

TÍTULO: Aprofundando as linguagens da arte.

EMENTA: Diversas linguagens da arte.

JUSTIFICATIVA:

Ao passar dos anos o ensino da arte vem inovando suas tendências pedagógicas. Hoje se faz necessário que as aulas sejam compostas pelas quatro linguagens da arte, que são elas: Artes Visuais, Teatro, Música e Dança assim proporcionando aos alunos, vivências nessas linguagens. A Proposta Curricular de Santa Catarina, nesse sentido afirma que:

Os conteúdos a serem abordados deverão contemplar uma postura interdisciplinar e devem corresponder às linguagens visual, cênica e musical. Isto significa dizer que o professor de Arte terá, como ponto de partida no seu planejamento, a linguagem específica de sua formação. Entretanto, as outras linguagens enriquecem as possibilidades de criação e produção. Contudo, ao transitar por outras linguagens, o professor necessitará selecionar os conteúdos de maneira sensata para que eles não fiquem fragmentados e distantes do objeto de estudo, evitando, assim, um encaminhamento polivalente ao invés de interdisciplinar. (SANTA CATARINA, 1998, p.189).

Mesmo o professor não tendo formação nas demais linguagens da arte poderá proporcionar aos alunos a construção do conhecimento sobre as mesmas, pois o professor de arte não irá formar artistas e sim oportunizar o contato com as linguagens do teatro, como na música não irá formar um músico profissional, mas sim construir novos caminhos para ouvir música e produzir sons, por exemplo. No entanto, vale ressaltar que é necessário que o professor busque primeiramente ampliar os seus conhecimentos nas linguagens a fim de oportunizar o processo de ensino e aprendizagem da melhor forma.

OBJETIVO GERAL:

Possibilitar aos professores de Artes do extremo sul catarinense a reflexão e a experimentação sobre as linguagens artísticas.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS:

- Desenvolver um olhar mais sensível para as linguagens artísticas vivenciando-as e refletindo sobre as possibilidades de incorporá-las em suas práticas pedagógicas.
- Compreender a importância das várias linguagens artísticas que fazem parte da arte (artes visuais, música, teatro e dança).

METODOLOGIA:**Público Alvo:**

Professores de Arte do extremo sul catarinense.

Proposta de Carga Horária:

Quatro encontros de 04 horas/aula durante o ano escolar, dividido em um [01] encontro por bimestre, totalizando 16horas/aula.

Proposta:

Os encontros serão realizados a cada bimestre, em uma cidade diferente. Assim os encontros se realizarão onde cada professora reside com a participação de todas. A oficina acontecerá em uma sala na Secretaria de Educação de cada cidade, onde serão divididos os encontros. No primeiro encontro estudaremos sobre a legislação educacional voltada para o ensino da arte, para um melhor entendimento. No segundo encontro iremos experimentar um pouco sobre a linguagem musical, por meio de alguns objetos sonoros e vivenciando a possibilidade de construção de uma música com estes objetos, em dupla.

No próximo encontro, levarei como proposta atividades que mesclam diferentes linguagens. Por meio da pesquisa foi identificado que as professoras entrevistadas possuíam formação acadêmica em Artes Visuais e dominavam melhor conteúdos relacionados a este eixo, então porque não usar esse conhecimento para interagir com outras as outras linguagens? Pode-se, por exemplo, abordar a obra Retirantes de Candido Portinari, fazendo uma leitura e reflexão sobre a mesma e transformá-la posteriormente numa peça teatral, criando um roteiro, figurino, cenário e vivenciando a expressão por meio do corpo e voz. Outra proposta é juntar música

e dança, levando em consideração que a dança necessita da música; nesse sentido, pode-se, por exemplo, fazer uso de uma mesma letra de música gravada em dois diferentes ritmos por diferentes cantores, logo para cada ritmo exige-se uma coreografia diferente, propondo dois grupos fazerem a interpretação por meio da expressão da dança.

E por fim, num último encontro, socializaremos sobre as linguagens artísticas assim trocando ideias e experiências. Cada professor traz em si uma série de trabalhos realizados com seus alunos que foram bem sucedidos. É muito importante essa troca de experiências e pode-se ampliar a iniciativa com a criação de uma página em rede social para que as professoras participantes e demais que lecionam artes possam mostrar e relatar algumas de suas práticas pedagógicas.

REFERENCIA:

SANTA CATARINA, Proposta Curricular de Santa Catarina: **Educação Infantil, Ensino Fundamental e Médio**: Formação docente para educação infantil e séries iniciais. Florianópolis: COGEN, 1998. 160 p.

7 CONCLUSÃO

Após o trabalho teórico e de campo concluí que a linguagem visual é a mais oportunizada e que as demais linguagens são raramente vivenciadas.

A minoria dos professores oportuniza somente às vezes as diversas linguagens da arte. Pode-se perceber que são raras as inovações postas em prática na sala de aula e que a interação dos alunos com as diversas linguagens dentro do ensino de artes acontece geralmente quando é feita uma apresentação para comemorar datas festivas.

Pesquisando diferentes autores a respeito dos quatro eixos da linguagem artística – música, dança, teatro, artes visuais – foi constatado que essas se fazem presentes desde as origens do homem. Já analisando a trajetória do ensino da arte, foi possível averiguar que se hoje a disciplina não é trabalhada ainda de maneira ideal, há algumas décadas atrás ela era completamente menosprezada no currículo escolar, tampouco possuía professores com formação acadêmica nessa área. Nesse sentido, percebe-se que o ensino da arte não se manteve estático, apesar de um processo lento e difícil a disciplina conquistou um pouco de valor.

A trajetória do ensino da arte ainda é longa. Assim, entendo que se faz necessário uma reflexão sobre a responsabilidade profissional indispensável para o comprometimento com a qualidade de ensino, pois vejo que não há muito empenho em modificar o ensino da Arte nas escolas, ainda há um certo comodismo por parte de alguns professores. Mas a Arte não é um instrumento de atrativos visuais. Se analisarmos os conteúdos do ensino da Arte, podemos observar a riqueza que pode ser proporcionada aos alunos. É função dos professores envolver o aluno nesse universo que a Arte contém, deixando neles um gosto de quero mais.

Foi-se o tempo em que a aula de Arte se resumia apenas em desenhos e pinturas. Hoje o aluno deve conhecer as várias linguagens que o ensino da Arte propõe, vivenciando-a em todas as suas dimensões, mesmo porque a arte contemporânea apresenta a interrelação das diferentes linguagens.

Apesar de perceber que em muitas escolas o ensino da Arte está um pouco defasado, tenho esperança de que num futuro bem próximo os professores voltem seu olhar para as inúmeras possibilidades de ensinar Artes e que suas práticas sejam mais prazerosas e atrativas despertando no aluno o interesse e o gosto por essa disciplina que para mim é tão importante. Espero também estar

dentro desse quadro de professores e poder contribuir para que a música, o teatro, a dança e demais linguagens da arte estejam presentes nas escolas e na vida dos meus futuros alunos, mostrando que a Arte possui várias formas, de aprender e de se expressar.

REFERÊNCIAS:

BARBOSA, Ana Mae Tavares Bastos. **Arte/educação contemporânea: consonâncias internacionais**. São Paulo: Cortez, 2005.432p.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996.

_____. **Parâmetros Curriculares Nacionais**. Arte, 3. Ed. Secretaria de Educação Fundamental, Brasília: A, Secretaria, 2001.

_____. **Parâmetros Curriculares Nacionais**. Arte, 3. Ed. Secretaria de Educação Fundamental, Brasília: A, Secretaria, 1997.

_____. **Orientações Curriculares para o ensino médio: Linguagens, códigos e suas tecnologias**. Brasília, 2006.

BUORO, Anamelia Bueno. **O olhar em construção: uma experiência de ensino e aprendizagem da arte na escola**. 6. Ed São Paulo: Cortez, 2003. 160 p.

CHIOVATTO, Milene. **O Professor Mediador**. 2012. Disponível em http://fvcb.com.br/site/wp-content/uploads/2012/05/Canal-do-Educador_O-Professor-Mediador.pdf Acessado em: 09/10/2013 16h52min

COLI, Jorge, 1947. **O que é arte** / Jorge Coli. —São Paulo: Brasiliense, 2006.

CRESWELL, John W. **Projeto de pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto**. 2. Ed Porto Alegre: Artmed, 2007.248 p.

CUNHA, Susana Rangel Vieira da. **Cor, som e movimento: a expressão plástica, musical e dramática no cotidiano da criança**. 6. Ed Porto Alegre: Mediação, 2006.130 p.

FERRAZ, Maria Heloisa Corrêa de Toledo; FUSARI, Maria F. de Rezende E. **Metodologia do ensino de arte**. 2. Ed. São Paulo: Cortez, 1999.135p.

FERREIRA, Sueli. **O ensino das artes: construindo caminhos**. 2. Ed Campinas, SP: Papirus, 2004.224p.

GADOTTI, Moacir. **Perspectivas atuais da educação**. Porto Alegre: Artmed, 2000. 294 p.

GARCIA, Regina Leite. **Múltiplas linguagens na escola**. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.107p.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 3. Ed São Paulo: Ed. Atlas, 1996.159 p.

IABELBERG, Rosa. **Para gostar de aprender arte: sala de aula e formação de professores.** Porto Alegre: Artmed, 2003. 126 p.

JAPIASSU, Ricardo. **Metodologia do ensino de teatro.** 7. Ed Campinas, SP: Papyrus, 2008. 224 p.

KANDINSKY, Wassily. **Do espiritual na arte e na pintura em particular.** Trad. Álvaro Cabral. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

MARTINS, Mirian Celeste. (org). **Mediação: estudos iniciais de um conceito.** São Paulo. 2005.

OLIVEIRA, Sandra Regina Ramalho e. Relações entre “linguagens”. In: MAKOWIECKY, Sandra; OLIVEIRA, Sandra R. e. **Ensaio em torno da arte.** Chapecó, Argos, 2008. 171 p.

PILLOTTO, Silvia Sell Duarte; SCHRAMM, Marilene de Lima Korting. **Reflexões sobre o ensino das artes.** Joinville, SC: Ed. UNIVILLE, 2001.151p.

ROSA, Maria Cristina Da. **A formação de professores de arte: diversidade e complexidade pedagógica.** Florianópolis: Insular, 2005. 207 p.

ROSSI, Maria Helena Wagner. **Imagens que falam: leitura da arte na escola.** 4. ed Porto Alegre: Mediação,2009.144p.

SANTA CATARINA, Proposta Curricular de Santa Catarina: **Educação Infantil, Ensino Fundamental e Médio: Formação docente para educação infantil e séries iniciais.** - - Florianópolis: COGEN, 1998. 160 p.

SILVA, Edna Lúcia Da. **Metodologia da pesquisa e elaboração de dissertação/Edna Lúcia da Silva, Estera Muszkat Menezes.** – 3. Ed. rev. atual. – Florianópolis: Laboratório de Ensino a Distância da UFSC, 2001.121p.

STRAZZACAPPA, Márcia; MORANDI, Carla. Entre a arte e a docência: a formação do artista da dança. Campinas, SP: Papyrus, 2006. 125p.

STRICKLAND, Carol. **Arte comentada: da pré-história ao pós-moderno.** 15. Ed Rio de Janeiro: Ediouro, 2004.197p

APÊNDICE A – Questionário aplicado com os professores e alunos.

**UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL CATARINENSE- UNESC
UNIDADE ACADÊMICA DE HUMANIDADES, CIÊNCIAS E EDUCAÇÃO
CURSO DE ARTES VISUAIS – LICENCIATURA
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO**

PESQUISA DE CAMPO

Nome: _____

01- Você na sua prática pedagógica proporciona aos alunos o contato com todas as linguagens da arte? Por quê?

02- Quais linguagens da arte estão mais presentes nas suas aulas?

03- Você conhece as determinações da LDB 9.394/96 para o ensino da arte? Ela aponta para quais linguagens?

04- A escola onde você trabalha, em sua organização, proporciona aos alunos um ambiente onde eles possam desenvolver as diferentes linguagens da arte?

Obrigada pela participação!

**UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL CATARINENSE- UNESC
UNIDADE ACADÊMICA DE HUMANIDADES, CIÊNCIAS E EDUCAÇÃO
CURSO DE ARTES VISUAIS – LICENCIATURA
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO**

PESQUISA DE CAMPO

Nome: _____

01- Quais as atividades que você mais gosta nas aulas de arte?

02- O que você nunca vivenciou nas aulas de arte e gostaria de experimentar?

03- Como você avalia as aulas de arte?

04- Para você o que é arte?

05- Em suas aulas de arte, em algum momento você já participou de uma atividade teatral ou musical?

Obrigada pela participação!